

279

A prisão do celebre



Antonio Silvino

— E —

Antonio Silvino no carcere

A' venda em casa do Auctor
e na Agencia Geral no Pará

Typographia **GUAJARINA** de F. Lopes

Rua Manoel Barata, 64

— TELEPHONE, 1241 —

A EDITORA — RECIFE

A PRISÃO

— DE —

CELEBRE

Antonio Silvino

Salve o dia vinte sete
De Novembro deste anno,
O dia em que foi pegado
Aquelle monstro tyranno,
Depois de grande resinga
Foi preso em Taquaritinga,
Pavor do genero humano.

A sogra do Zé Bedeu
Ha poucos dias foi morta,
Foi quando veio a noticia
Que o diabo breve se sorta,
Lucifer trouxe o recado
Que elle viria damnado
Batendo de porta em porta.

Mas como elle é sagaz
Desde o tempo de menino,
Gostando de proteger
Toda classe de assassino,
Pelejou p'ra se soltar
Somente para avisar
O seu amigo Silvino.

Porem Antonio Silvino .
Como estava acostumado,
Não se lembrando das vezes
Que tinha sido cercado,
Nenhuma tenção lhe deu,
Até nem agradeceu,
O diabo ter lhe avisado.

Sahiu o diabo falando,
Antonio Silvino ficou,
Depois lhe disse o diabo :
—Você não acreditou ?
Veja que sou seu amigo,
Depois não diga comsigo
O diabo me enganou.

Silvino ficou scismado;
Quando foi no outro dia
Desceu p'ra Taquaritinga,
No logar Santa Maria
Procurava descansar,
Arranchou-se em logar
Aonde sempre dormia.

Ahi passou mais um dia
Até muito descansado,
Na casa dos seus amigos
Como era acostumado,
Porque de nada scismava
Por não saber que estava
Tão perto de ser pegado.

Mas como ha muita gente
Que se perde pela lingua,
Toda praga que não presta
E' contada a que não vinga,
Levado pela malicia,
Foi como esta noticia
Chegou em Taquaritinga.

Quem levou esta noticia
Contou tudo quanto havia
Que vindo de uma viagem
Passou em Santa Maria,
Na casa de um fazendeiro
Estavam elles no terreiro
Na manhã daquelle dia.

Esta noticia vagou
Com a maior violencia,
Quando o tenente Theophanes
Teve de tudo sciencia,
O Sargento Alvim chegou
Com outras praças juntou,
P'ra seguir na diligencia.

Seguiram com oito praças
A's onze horas do dia,
O Sargento interessado
Porque ha tempos soffria,
Tiveram pouca demora
Quando bateu uma hora
Chegaram em Santa Maria.

O tenente foi á casa
Cnde elle tinha dormido,
Pe'o dito fazendeiro
Foi muito bem recebido,
Depois chegou a policia,
Já encontrou a noticia
Que elle tinha sahido.

Ahi foi quando' o tenente
Pergunta ao fazendeiro :
—Diga por onde seguiu
O bandido cangaceiro.
Apontou para o sargento,
Dizendo : neste momento
Quero seguir no roteiro,

O fazendeiro lhe disse,
Muito desinteressado :
--Capitão Antonio Silvino
Seguia para este lado,
Mostrou um campo tão vasto,
Que ainda se via o rasto
Onde elle tinha passado,

Ahi animou-se tudo,
Seguiram em direcção,
Julgaram que os bandidos
Fugiam para o sertão ;
Depois souberam por certo
Que estavam muito perto,
Baixaram mais o rojão.

Elles não correram mais
Porem seguiram ligeiro,
No logar Lagôa-lage,
Na sombra d'um joazeiro,
Quando elles foram chegando,
De longe foram avistando
Um grupo de cangaceiro.

O tenente ahi fez ponto
Para não ser presentido,
Mandou seis na retaguarda
Elle ficou prevenido,
O sargento e um soldado
Seguiram por outro lado
Para cercar o bandido.

Foram aperlando o cerco,
Chegando mais para a frente,
Quando se achavam bem perto
Ahi gritando o tenente,
Ao sargento encommenda :
Quem for mais fraco se renda,
Morra quem for mais valeate.

Quando Antonio Silvino viu
Aquella voz differente
Tingiu-se os olhos de sangue
Peior do que a serpente,
Pensou que fosse um soldado,
Quando virou-se de um lado
Foi avistando um tenente.

Gritou Silvino a seus cabras
No estertor d'agonia :
Morremos por afoiteza
Mas não pela covardia,
Sendo a força absoluta,
Morro no campo da lucta
Se for chegado o meu dia.

Travou-se neste momento
Um combate encarniçado,
As balas dos cangaceiros
Nunca attingiu um soldado,
Choravam como menino
Porque Antonio Silvino
Foi quem sahiu baleado.

Quando os cangaceiros viram
O seu chefe dar um tombo,
Que uma bala certa
Pegou-lhe em cima do lombo,
Me disse quem foi olhar
Que não póde avaliar
Que tamanho foi o rombo.

Com pouco se viu um grito
De um cabra que esmoreceu,
Silvino já baleado
Nenhuma atenção lhe deu,
Muito mal foi percebendo,
Os outros cabras dizendo
Que Joaquim Moura morreu.

Os outros, com esta morte,
Ficou tudo espavorido
Vendo seu chefe no chão
Baleado, esmorecido,
Gritaram: ninguém se entrega,
Embora deixe um collega
Morto no chão estendido.

Ahi a força fez fogo
P'ro lado de quem falou,
Porem no ronco dos tiros
O matto abriu e fechou,
Só se via o fumaceiro,
Não se sabe cangaceiro
A direcção que tomou.

Depois chegaram p'ra frente,
Estava Silvino cahido
Olhando seu cangaceiro
Morto no chão estendido,
Silvino tão derrotado,
Além de preso amarrado
Foi gravemente ferido.

Depois levaram Silvino
Mais o cabra que morreu,
Silvino lhe dando vago
Dos tiros que recebeu,
Não sei se é por coragem,
Elle durante a viagem
Uma palavra não deu.

Chegaram em Taquaritinga
A's duas horas e meia,
Joaquim Moura vinha inchado,
Já vi que marmota feia;
Silvino nada dizia,
Na tarde do mesmo dia
Foi recolhido á cadeia.

O morto era um sujeito
De mediana estatura,
Por ordem do delegado
Foram dar-lhe á sepultura,
Não teve mortalha nova,
Botaram elle na cova
Mesmo n'aquella figura.

Foi quando telegrapharam
Para o Juiz de Direito
Fazendo sciente a elle
Da prisão que tinha feito,
Este pela voz da fama,
Respondeu o telegramma
Devéras bem satisfeito.

Dizia no telegramma :
«Meu illustre delegado
Peço encarecidamente
Que tenha todo cuidado,
Emboia seja assassino,
Porém Antonio Silvino
Seja muito bem tratado».

Como de facto tem sido
Sem igual seus tratamentos,
Se acha bem melhorado
De todos seus ferimentos,
Até mesmo o delegado
Lhe tem administrado
Diversos medicamentos.

Já espalhou-se a noticia
Quasi no Brasil inteiro,
Da prisão inesperada
Do valente cangaceiro,
Dos centros desses sertões
Já tem vindo saudações
Até p'ro Rio de Janeiro.

Retombou um echo agudo
Pelas zonas do sertão,
Dos sertanejos mais rico
Que soffriam privação,
Com esta feliz surpresa,
Quando tiveram a certeza
De Antonio Silvino em prisão.

P'ra todo mundo está bom,
P'ra Silvino está ruim,
Porque a sua sentença
Será de galé sem fim,
Em qualquer lugar da praça
Toda a pessoa que passa
Só ouve dizendo assim :

«Antonio Silvino foi preso,
No Recife ha de chegar,
No trem de Caruarú
Onde elle vae embarcar,
Embora va muita gente
Mas eu quero estar presente
Na hora que elle saltar».



Antonio Silvino

NO

CARCERE

Quanto é enorme esta casa,
Que horror causa esta cadeia,
Como é noçento esse solo,
Que localidade feia!
Que prisão repugnante!
Que homens extravagantes
Esses que commigo moram?
São esquecidos da morte,
Que tiveram minha sorte,
Commigo aqui também choram

São infelizes que vivem
Para seus crimes espiar,
São desgraçados que rogam
A quem os queira matar,
São uns entes como eu,
A desgraça os envolveu,
Hoje supplicam de balde,
Suspiram por não morrerem
E nem sequer podem verem
A sombra da liberdade.

Santo Deus ! que sorte escassa
Foi a que nasci com ella !
Que vive em vez de abergue
Negro lecto de uma sella,
Onde a mais cruel pobreza
Vem augmentar-me a tristeza
Me atirando á sepultura,
Aonde fico indeciso,
Vendo o choro em vez do riso.
O fel em vez da doçura.

Se nasci para a desgraça
Desgraçado hei de morrer,
O homem vem destinado
Para gosar e soffrer,
Nesse carcere humido, escuro,
Nesse abysmo sem futuro
Junto a outros condemnados,
Entre a nudez, sêde e fome,
Já vejo escripto meu nome
No livro dos desgraçados.

A sorte ingrata e tiranna
Zombou de minha ventura,
Em vez de um favo de mel
Deu-me um calix de amargura,
Mandou abrir-se um abysmo
E com orgulho e cynismo

Deu-me aquella habitação
Em vez de dar-me um pharol,
Em vez dos raios do Sol
Me deu esta escuridão.

Juntou-me ao pé de outros mais,
Dos seus desfavorecidos,
Mandou augmentar-me as dores.
Multiplicar meus gemidos,
Ordenou que o soffrimento
Não me deixasse um momento.
Ligou a mim a afflicção,
Ordenou que o desespero
Me dêsse por companheiro
Fome, sêde e privação.

Onde vejo, como eu,
Dez, doze pedirem a morte,
Seis, oito se maldizendo,
Amaldiçoando a sorte;
Outros tão arrependidos,
Com olhares tão compridos
Para o lado que o sol sae,
Naquelle carcere mesquinho
Diz um pae: ha, meu filhinho
Chora o filho e diz: meu pae!

Já tive dias felizes,
Já gozei partes da vida
Como sertanejo rustico,
Passei por quadra florida,

Hoje aqui encarcerado,
Por todo mundo odiado
Nesta maldita masmorra,
Envocando á Divindade
Que mande com brevidade
O bello dia que eu morra.

Dia da consumação
De um infeliz como eu,
Passou pela flor da idade
Nem uma sequer colheu,
Teve o cheiro por herança,
Inda guardou a lembrança
Das scenas que viu alli,
Um infeliz na prisão
Dirá com toda a razão :
—Durei, porem, não vivi.

Nesse dia enviarei
O «ultimatum» da vida
Como lembrança ingastavel
A' minha terra querida,
Envio adeus aos rochedos,
Lembranças aos arvoredos,
Ao rio que por alli corre,
Aos passarinhos que vôam,
Aos ventos que á noite sôam,
Ao sol que á lardinha morre.

Enviarei um adeus
A tudo de minha terra,
Principalmente ao rio
Onde bellezas encerra,
A onde as mais lindas margens,
Cheias de flores seivagens,
Nos enche de distracção;
Onde os proprios passarinhos,
Com o teçume dos ninhos
Dão elogios ao serlão.

Enviarei outro adeus
Ao sitio onde foi criado,
Que serviu de testemunha
A' vida de um desgraçado,
Que hoje nesta prisão
De balde implora a razão
Essa corre desperçada,
Que o carcere que o encerra,
Breve o levará á terra,
O transformarás em nada.

Fui cego e não tive um guia
Que me ensinasse a estrada,
Apenas a sorte negra
Guiou-me a vereda errada,

O miseravel destino
Me ensinou ser assassino
Jogou-me aqui nesta cella,
Fez tudo me volar tédio,
Para hoje sem remedio
Eu succumbi dentro della.

(Ler em seguida «O Leão na jaula»)



A sahir

brevemente

Historia da Princeza Magalona

Um drama de amor

A historia do Jogo dos Bichos

A torre mysteriosa

O julgamento da mulher e o valor
do dinheiro

A victoria de um gallo

A morte do general Pinheiro Ma-
chado

Muito breve :

As bellezas do Sertão — Sensacio-
nal narraçào da vida do sertanejo



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).